



BULLYING: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar

Bullying: Knowledge and practices of pedagogy in school environment

Sidnéia Barbosa de Almeida^[a], Luciana Roberta Donola Cardoso^[b], Vânia Vieira Costac^[c]

^[a]Universidade Santo Amaro (UNISA), Pedagoga, aluna do curso de especialização em Psicopedagogia Clínica. Vila Leopoldina, SP - Brasil, e-mail, sidneia-a@ig.com.br

^[b]Grupo interdisciplinar de estudos de álcool e drogas no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPq- HC-FMUSP), Universidade Santo Amaro (UNISA), Mestre em Psicologia Experimental pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Vila Leopoldina, SP - Brasil, e-mail, lucidonola@uol.com.br

^[c]Psicóloga, Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo, Professora na Universidade Santo Amaro (UNISA), Vila Leopoldina, SP - Brasil, e-mail, vaniavcosta@yahoo.com.br

Resumo

O *bullying* é um conjunto de comportamentos agressivos, emitidos de maneira intencional e repetitiva. O objetivo deste estudo foi investigar a percepção dos educadores quanto à presença de *bullying* em sala de aula. A amostra foi composta por 30 professoras do ensino fundamental I de uma escola particular de São Paulo. Para coleta de dados foi utilizado um questionário que visava investigar a avaliação do professor quanto à presença do problema, possíveis causas, ações dos pais e professores ante os agressores e sugestões de intervenção para resolução do problema. Os professores assinaram um termo consentindo a participação na pesquisa. Esta pesquisa ocorreu durante o ano letivo de 2007. Observou-se que 93,3% (n=28) dos profissionais relataram ter presenciado ao menos um episódio de discriminação durante o ano letivo em sua sala de aula. Os professores relataram observar mais atos de discriminação praticados por meninos do que por meninas. Atribuiu-se a presença dos comportamentos discriminatórios à situação socioeconômica da família, sua cor, raça, aparência física e deficiências físicas e/ou intelectual. As estratégias de resolução do problema propostas pelos professores são: explicar aos alunos os prejuízos que seu comportamento pode causar; conversar com os pais das crianças envolvidas e pedir para que reflitam sobre o que fizeram. Concluindo, observou-se a presença do fenômeno nas escolas investigadas. A participação do professor na avaliação e no planejamento da intervenção parece ser um fator relevante na resolução do problema. Entretanto, as estratégias adotadas pelos professores estão aquém das sugeridas na literatura.

Palavras-chave: *Bullying*. Agressividade. Ensino fundamental.

Abstract

The bullying is a set of aggressive behaviors, issued a manner intentionally and repeatedly. This study aimed to investigate the perceptions of educators about the presence of bullying in the classroom. The sample was composed of 30 teachers of elementary school I in a private school in Sao Paulo. In collects data was used a questionnaire that aimed to investigate the evaluation of the teacher about the presence of the problem, possible causes, actions of parents and teachers confront the aggressors and suggestions of intervention to resolve the problem. Teachers signed a term consenting to participation in research. The search occurred during the academic year of 2007. It was observed that 93.3% (n=28) of professionals reported having witnessed at least one episode of discrimination during the school year in your classroom. Teachers reported observing more acts of discrimination practiced by boys than for girls. Set itself the presence of discriminatory behavior on the socioeconomic situation of the family, their color, race, physical appearance and physical and / or intellectual. The strategies for resolution the problem proposed by teachers are explaining to students the damage that can cause their behavior, talk with parents of children involved and ask you to reflect on what they did. In conclusion, we observed the presence of the phenomenon in schools investigated. The teacher's participation in assessment and planning of the intervention seems to be a relevant factor in resolution the problem. Meanwhile, the strategies adopted by teachers are worse than suggested in the literature.

Palavras-chave: Bullying. Aggressiveness. Elementary school.

INTRODUÇÃO

A violência, tanto em ambientes escolares quanto em outros contextos, tem sido associada a prejuízos sociais e acadêmicos entre os jovens em idade escolar.

Segundo Fante (2005), a violência em todos os níveis de escolaridade tem aumentado nas últimas décadas. Com isso, comportamentos agressivos em contextos escolares como agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar e constranger) têm sido cada vez mais estudados.

Uma das maneiras de se estudar estes comportamentos é por meio de um fenômeno chamado *bullying* (Fante, 2005; Teixeira, 2006).

O fenômeno *bullying* é compreendido pela apresentação de um conjunto de comportamentos agressivos, emitido de maneira intencional e repetitiva, sem um estímulo motivador aparente (Marini, 2005).

O *bullying* é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana

Para melhor entender este fenômeno, Fante (2005) descreve a presença deste comportamento

por meio da classificação dos tipos de papéis desempenhados, sendo eles: **vítima típica:** indivíduo que sofre repetidos atos de agressão; **vítima provocadora:** aquele que provoca e atrai reações agressivas das quais não consegue lidar com a consequência; **vítima agressora:** aqueles alunos que reproduzem os maus-tratos sofridos, e busca uma criança mais frágil para descontar nele a agressão sofrida, e o **agressor:** aquele que pratica a violência física ou verbal (Fante, 2005).

A conduta *bullying* torna-se mais perceptível nas salas de aula a partir da 2ª série. Dos ciclos iniciais (jardins e pré-escola) até a 4ª série, o pátio do recreio é o local onde ocorre a maior incidência de maus-tratos. Os maus-tratos mais frequentes são a ofensa e a discriminação, especialmente manifestadas por meio de apelidos e xingamentos ao aspecto sexual. Nesta fase, as crianças portadoras de deficiências físicas e de necessidades especiais têm três vezes mais risco de serem vítimas de *bullying*, comparado com crianças sem necessidades especiais. Já com as crianças de 3ª e 4ª série, os atos de agressividade estão frequentemente associados aos maus-tratos físicos e chantagens, especialmente em relação aos alunos mais tímidos (Oliveira & Antônio, 2006; Palacios & Rego, 2006; Teixeira, 2006).

Os fatores que tendem a estar associados à presença de *bullying* em sala de aula são: agressividade por parte dos pais; desestrutura familiar; falta de limites; hiperatividade; impulsividade; distúrbios comportamentais; dificuldades de atenção; baixa inteligência e desempenho acadêmico deficiente (Cabral 1987; Neto, 2005; Oliveira & Antônio, 2006; Sbaraini & Schermann, 2008).

Em decorrência dessa agressividade, tanto as pessoas que sofrem de *bullying*, quanto as que praticam a agressividade tem mais chance de desenvolver transtornos psiquiátricos na idade adulta do que aqueles que não tiveram essa experiência. Por exemplo, sabe-se que crianças agredidas têm mais chance de desenvolver algum transtorno do humor na idade adulta. Quanto ao agressor, há uma relação entre agressividade na infância e o desenvolvimento de transtornos de conduta na idade adulta (Azzi, 1974; Neto, 2005; Teixeira, 2006). Em suma, a presença do *bullying* parece acarretar prejuízos físicos, psicológicos e sociais, tanto para quem recebe quanto para quem pratica. Esses prejuízos podem ser observados logo em seguida a sua prática ou no decorrer do desenvolvimento da criança, podendo perdurar à idade adulta.

Assim, em decorrência dos prejuízos sociais, psicológicos e acadêmicos e/ou profissionais, o fenômeno *bullying* tem sido cada vez mais estudado.

As investigações apontam algumas estratégias que, quando adotadas, tendem a apresentar eficácia na resolução do problema. Entendendo-se de um comportamento multideterminado, tanto a avaliação quanto a intervenção tem sido focada no treinamento de professores, pais e da criança (agredida e agressora) (ABRAPIA, 2008).

As estratégias que têm mostrado maior eficácia são aquelas que visam à conscientização dos profissionais e dos pais quanto à existência do problema; treinamento de professores em como agir diante desta situação; e a instalação de repertório socialmente habilidoso tanto na criança quanto nos adultos que o cercam (Barros, 2008; Fante, 2005; Petersen & Koller, 2005).

A inserção do professor, tanto na avaliação quanto na intervenção, tem sido apontada como o fator crucial na resolução do problema nas escolas. O conhecimento dos educadores quanto à presença desse fenômeno favoreceria um diagnóstico precoce e uma intervenção melhor planejada.

Identificar esse fenômeno em sala de aula pode diminuir problemas relacionados à aprendizagem e aumentar a qualidade do ambiente de ensino.

Assim, estudar esse fenômeno por meio da avaliação desse profissional (o professor) parece ser uma medida fidedigna na identificação do problema na escola. O *bullying* pode ser investigado por meio de diversos comportamentos agressivos. Neste estudo optou-se por investigar comportamentos agressivos associados à discriminação. Crianças que sofrem discriminação, tanto no ambiente escolar quanto em outros contextos sociais, têm apresentado prejuízos sociais e acadêmicos mais frequentes do que crianças que não sofrem este tipo de agressão (Marriel et al., 2006).

Assim, o objetivo desta pesquisa foi investigar a percepção dos educadores quanto à presença de *bullying* em sala de aula. Especificamente, objetivou-se investigar a presença de episódios de discriminação praticados por crianças no ambiente escolar.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi composta por 30 professores do ensino fundamental (1ª a 4ª série) de uma escola particular, localizada na região sul do Município de São Paulo. Os profissionais tinham idade entre 22 e 35 anos. Todos eram do sexo feminino e tinham formação em Pedagogia.

Instrumento

Os dados foram coletados por meio de um questionário elaborado pelos pesquisadores responsáveis pelo estudo. O questionário era composto por perguntas abertas e fechadas e tinha por objetivo investigar a avaliação do professor quanto à presença de discriminação praticada pelos alunos em sala de aula. Também se investigou: os principais tipos de discriminação observados pelo professor, diferença entre o gênero e a prática de discriminação, atitude do professor em relação ao aluno que praticava a agressividade, posição dos pais em relação ao comportamento do filho (agressor) e sugestões desses profissionais para alteração desse comportamento no contexto escolar.

Procedimento

Os pesquisadores entraram em contato com as escolas a fim de apresentar o projeto e esclarecer o objetivo e o público-alvo da pesquisa, ou seja, quem iria responder o questionário.

Após os esclarecimentos e assinatura do termo de cessão, os professores respondiam o questionário e o depositavam numa urna que ficava disponível na sala dos professores. Esta pesquisa ocorreu durante o ano letivo de 2007.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos foram descritos e discutidos conforme a formulação da questão. Para as questões abertas, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, com agrupamento e categorização de respostas de acordo com a proximidade do conteúdo. Para as questões fechadas, os dados foram tabulados quanto à frequência e porcentagem de respostas.

Inicialmente, foram analisados os dados relativos à avaliação do professor quanto à observação de discriminação em sala de aula. Observou-se que 93,3% (n=28) dos profissionais relataram ter presenciado ao menos um episódio de discriminação durante o ano letivo em sua sala de aula. Apenas 6,7% (n=02) dos profissionais relatam não ter visto nenhuma criança praticar qualquer tipo de discriminação.

Estudos indicam que a prevalência de estudantes vitimizados pode variar de 8 a 46%. Já o de agressores pode variar de 5 a 30% (Neto, 2005; Fekkes et al., 2005; Palacios & Rego, 2006).

O comportamento agressivo, como o preconceito ou discriminação pode ser instalado e mantido por diversas razões, dentre elas: por observação dos comportamentos de adultos e outras crianças; valorização social; carência afetiva, ausência de limites e maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas (Bandura, Ross & Ross, 1961; Catania, 1999; Fante, 2005).

O gênero também parece ser um fator associado com práticas frequentes de agressividade verbal e não-verbal. Estudos mostram que atos de discriminação e/ou outros comportamentos agressivos são mais frequentes entre meninos do que entre as meninas, embora haja relato de prática em ambos os gêneros. O *bullying* é mais observado entre meninos com idades entre 11 e 13 anos, sendo menos frequente

na educação infantil e no ensino médio (Fante, 2005; Moreno Jimenez et al., 2006; Neto, 2005).

Os comportamentos agressivos praticados com mais frequência entre os jovens em idade escolar são xingamentos, depredações e envolvimento com brigas (Palacios e Rego, 2006).

Corroborando a literatura, neste estudo, 66,7% (n=20) dos professores relatam observar mais atos de discriminação praticados por meninos do que por meninas.

Na presente pesquisa os professores atribuem os comportamentos discriminatórios dos alunos, independentemente do gênero, à situação socioeconômica da família, sua cor, raça, aparência física e deficiências físicas e/ou intelectual.

Estes resultados corroboram os encontrados por Teixeira (2006). O autor afirma que estes fatores, bem como os valores religiosos, são frequentemente relacionados à prática de discriminação de crianças em contextos escolares e sociais.

Quanto à atitude do professor ao presenciar atos de discriminação entre os alunos, 25% (n=30) dos profissionais relatam explicar a eles o prejuízo que pode causar na outra criança aquele comportamento, bem como enfatizar as diferenças entre os indivíduos; 16,7% (n=20) dos entrevistados responderam que conversam com os pais das crianças envolvidas, 12,5% (n=15) pedem para os alunos se redimirem ao colega que sofreu a discriminação e 10% (n=12) fazem seus alunos refletirem sobre o que fizeram.

Segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (2008) a intervenção deve ser baseada em conscientizar os profissionais da educação sobre o problema, suas causas e consequências; treino de habilidades sociais e resolução de problema; treinar comportamentos incompatíveis ao da agressividade; estimular a criação de regras entre o grupo, bem como solução e modificação do ambiente que aumente os comportamentos agressivos.

Além disso, Teixeira (2006) propõe que a escola estimule a participação e integração da família na resolução do problema. A participação dos pais em palestras, reuniões e debates tende a estimular o desenvolvimento de atitudes assertivas, como respeito, tolerância entre outros. Nesses encontros, os pais devem ser estimulados a denunciar ou incentivar que os filhos façam a denúncia aos responsáveis na escola. O autor ressalta que fornecer auxílio pedagógico e psicológico aos autores e alvos

desta prática e encaminhar os casos mais graves para avaliação médica como psiquiatra da infância e da adolescência são estratégias importantes para diminuir o *bullying*.

Quanto ao papel dos pais em relação às atitudes dos filhos, 80% (n=24) dos professores relatam que os pais têm algum conhecimento sobre os comportamentos agressivos de seus filhos, mas que isso não impede que as crianças continuem praticando discriminações na escola, e 20% (n=6) dizem que os pais não têm conhecimentos sobre o comportamento dos filhos.

O conhecimento dos pais quanto à maneira que seus filhos se comportam na escola está associada a uma identificação precoce de ameaças e agressões verbais e não-verbais que possam estar sofrendo e/ou praticando. Ressalta-se que apenas tomar conhecimento dos comportamentos inadequados (no caso do agressor) não garantirá a mudança do comportamento da criança na escola. Orientação mais específica aos pais, concomitantemente com a mudança do comportamento do professores em sala de aula no momento em que a criança pratica a agressividade, tem mostrado resultados mais efetivos na modificação do comportamento agressivo da criança em sala de aula (Del Prette et al., 1998; Hubner & Marinoti, 2004; Teixeira, 2006).

Além disso, é necessário que os professores sejam capacitados e habilitados para lidar com esse fenômeno, uma vez que ele os atinge diretamente, a considerar o baixo rendimento, observado em vários alunos como resultado do seu trabalho; também os afeta veladamente, de maneira sutil e estressante (Hubner & Marinoti, 2004; Sbaraini & Schermann, 2008).

No que se refere aos caminhos pedagógicos para solucionar o problema da discriminação, os professores sugerem algumas estratégias, como: roda de conversa, para abordar questões relacionadas à prevenção, orientação e esclarecimento sobre os comportamentos inadequados; trabalhar com arte onde é possível se expressar, brincadeiras com toda a turma e diversos trabalhos coletivos. Os professores relatam acreditar que com essas estratégias seria possível aumentar a aproximação entre eles, favorecendo a inserção de habilidades de valorização e empatia.

Segundo Teixeira (2006), algumas atitudes podem ser observadas na detecção do problema, sendo elas: observar se durante o recreio o aluno está sempre isolado, separado do grupo, se em algumas vezes prefere a presença de um adulto;

na sala mostra insegurança e dificuldade ao falar com os demais; nos jogos em equipe é sempre o último a ser escolhido; apresenta-se sempre triste, contrariado, deprimido ou aflito; apresenta desleixo gradual na tarefa; se está frequentemente contundido ou com feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural; e se não frequenta as aulas regularmente (absentismo).

Os programas *anti-bullying* que apresentam melhores resultados tendem a adotar estratégias que visam à avaliação das características socioeconômicas e culturais de sua população, bem como o envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos. As ações priorizam a conscientização geral sobre o problema; o apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. Treinamentos através de técnicas de dramatização podem ser úteis para que adquiram habilidade para lidar de diferentes formas. Outra estratégia é a formação de grupos de apoio, que protegem os alvos e auxiliam na solução das situações de *bullying* (Neto, 2005). As ações são relativamente simples e de baixo custo, podendo ser incluídas no cotidiano das escolas, inserindo-as como temas transversais em todos os momentos da vida escolar (Fante, 2005).

Segundo a ABRAPIA (2008), a implantação de um programa com o objetivo de prevenir e reduzir o *bullying* deveria considerar algumas variáveis: não existe solução simples para a resolução do *bullying*; o fenômeno é multideterminado; cada escola deve desenvolver sua própria estratégia e estabelecer suas prioridades no combate ao *bullying*; e trabalhar concomitantemente, com alunos, pais, professores e gestores, treino de habilidades social.

Fante (2005) sugere alguns passos a serem seguidos na prática pedagógica: a partir da própria experiência no cotidiano o aluno deve ser conscientizado sobre o fenômeno suas consequências; por meio de interiorização os alunos devem ser capazes de desenvolver a empatia a fim de perceber as implicações e os sofrimentos gerados por esse tipo de comportamento; que os alunos se comprometam com um bem-comum, transformando um ambiente de agressão em um ambiente mais tranquilo. O educador conseguirá trabalhar esses conceitos através de dinâmicas, trabalhos coletivos, trabalhos em geral que façam o aluno estar próximo ao outro podendo perceber suas qualidades e defeitos e aprendendo a conviver com eles.

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa foi possível mostrar que o fenômeno *bullying* está presente nas escolas. Adotar estratégias de prevenção, bem como detectar precocemente o problema de agressividade (*bullying*) parece ser a maneira mais adequada para reduzir a chance de que este e outros problemas comportamentais, como, por exemplo, as dificuldades de aprendizagem e os transtornos do humor sejam desenvolvidos. A participação do professor, tanto na avaliação quanto no planejamento da intervenção, parece ser a variável central relacionada à eficácia na resolução do problema.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA - ABRAPIA. (2008). **Programa de redução de comportamento agressivo em estudantes**. Recuperado 12 ago. 2008, disponível <http://www.bullying.com.br>
- Azzi, R. (1974). **A análise do comportamento**. São Paulo: Pedagógica e Universitária.
- Bandura, A. R. D., & Ross, S. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, *63*(3), 575-582.
- Barros, A. (2008). **Bullying: É preciso levar a sério o primeiro sinal**. Recuperado ago. 12, 2008, disponível <http://diariodeumaprofessorinha.blogspot.com>
- Cabral, A. (1987) **Identidade: Juventude e crise**. Rio de Janeiro: Norton & Company.
- Catania, C. A. (1999). **Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição** (4a ed.). (Deisy das Graças de Souza Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Publicação original 1973).
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., Garcia, F. A., Silva, A.T. B., Puntel, L. P. (1998). Habilidade social do professor em sala de aula: Um estudo de caso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, *11*(3), 112-120.
- Fante, C. (2005). **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Verus.
- Fekkes M., Pijpers F. I., & Verloove-Vanhorick S. P. (2005). Bullying: Who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. **Health Educ Res**, *20*(1), 81-91.
- Hubner, M. M. C., & Marinotti, N. (2004). **Análise do comportamento para a educação: Contribuições recentes**. São Paulo: ESETec.
- Marini, E. (2005). **O que é Bullying**. Recuperado 15 ago. 2008, disponível <http://www.psicologiapravoce.com.br>
- Marriel, L. C., Assis, S. G., Avanci, J. Q., & Oliveira, R. V. C. (2006). Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, *36*(127), 35-50.
- Moreno J. B., Rodriguez M. A., Hernandez. E., Benadero, G. M. E. M., & Carvajal, R. R. (2005). Diferencias de género en el acoso psicológico en el trabajo: Un estudio en población española. **Estudios de Psicología**, *10*(1), 3-10.
- Neto, A. L. (2005). Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatra**, *181*(5), 164-172.
- Oliveira, A. S., & Antonio, O. S. (2006). Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. **Revista Eletrônica De Enfermagem**, *8*(1), 30-41. Recuperado 15 set. 2008, disponível <http://www.portalbvsenf.eerp.usp.br/scielo.php>
- Palacios, M., & Rego, S. (2006). Bullying: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira de Educação Médica**, *30*(1), 1-5.
- Petersen, C. S., & Koller, S. H. (2006). Avaliação psicológica em crianças e adolescentes em situação de risco. **Avaliação Psicológica**, *5*(1), 55-66.
- Sbaraini, C. R., & Schermann, L. B. (2008). Prevalence of childhood stress and associated factors: A study of schoolchildren in a city in Rio Grande do Sul State, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, *24*(5), 1082-1088.
- Teixeira, G. H. (2006). **Bullying, a violência escolar: Psiquiatra**. Recuperado 5 out. 2008, disponível <http://www.comportamentoinfantil.com/comportamentos/bullying.htm>

Recebido: 19/11/2008

Received: 11/19/2008

Aprovado: 24/03/2009

Approved: 03/24/2009

Revisado: 17/09/2009

Reviewed: 09/17/2009